

REVISTA EXAME

Na petroquímica Innova não há saudades da Petrobras

Flávio Barbosa, da Innova: "Se o mercado não tivesse se retraído no ano passado, estaríamos sofrendo com a falta de produto"

Arlete Lorini, de
Revista EXAME



Esta é uma
matéria da
revista EXAME.

São Paulo — Para a petroquímica gaúcha Innova, o ano de 2014 foi marcado pela troca de seu controle acionário. Em outubro, depois de um arrastado processo de venda, a Petrobras finalmente transferiu o comando da empresa para a Videolar, do empresário gaúcho Lirio Parisotto.

É que, para ser concluída, a negociação precisou passar pelo crivo do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), que levou mais de 12 meses para bater o martelo. "Foi um ano perdido, no sentido de preparar a empresa para novos investimentos", diz Flávio Barbosa, presidente da Innova. "Como o mercado andou de lado, conseguimos manter um bom desempenho."

Em 2014, a Innova obteve uma receita líquida de 459 milhões de dólares, o que representou queda de 12% em relação ao ano anterior. Mesmo assim, a empresa conseguiu manter sua margem de vendas em 11%. A Innova apresentou também o melhor índice de liquidez corrente — a capacidade de honrar dívidas no curto prazo — do setor.

A compra pela Videolar foi oportuna para a Innova, que nos últimos anos operou no limite de sua capacidade de produção. Em 2013, a Petrobras chegou a anunciar a duplicação da fábrica da Innova, mas o projeto não saiu do papel. "Se o mercado não tivesse se retraído no último ano, estaríamos sofrendo com a falta de produto", diz Barbosa.

"Com o novo controlador, retomamos o fôlego para investir." Para este ano, estão previstos investimentos de 30 milhões de reais em melhorias do processo, do armazenamento e da logística — o triplo do valor aplicado em 2014. A Innova produz basicamente dois insumos petroquímicos, o estireno e o poliestireno,

que são matérias-primas para os fabricantes de embalagens, eletrodomésticos e automóveis.

Em relação ao estireno, pelo menos 30% do consumo brasileiro tem sido atendido pelas importações. “Por ter ficado sem investir, perdemos mercado para competidores de fora”, diz Barbosa. Quanto ao poliestireno, ao contrário, a capacidade instalada brasileira é superior à demanda, e a Videolar era uma das concorrentes da Innova. As duas juntas agora respondem por 70% da produção nacional de poliestireno.

A estratégia é aproveitar a sinergia entre as duas empresas e obter ganhos, principalmente, na logística, já que a Innova possui fábrica em Triunfo, no polo petroquímico gaúcho, e a Videolar, em Manaus. A ideia, também, é tirar proveito da competência da Innova e produzir algumas resinas mais sofisticadas na Videolar.

Para ampliar sua fábrica de estireno, a Innova precisa garantir a matéria-prima com o fornecedor, que, por sua vez, depende da Petrobras. “A petroquímica está parada, aguardando a definição sobre os próximos passos da Petrobras”, diz Barbosa. Enquanto isso não acontece, a Innova aposta em diversificações que não dependam de acréscimo de matéria-prima.

É o caso do projeto de uma unidade para a produção de poliestireno expandido, o isopor, usado em embalagens. “Poderemos abastecer até 25% do mercado nacional, que hoje importa quase a metade do que consome”, diz Barbosa. Ou seja, há muita coisa a fazer.

Tópicos: Melhores e Maiores 2015, Melhores e Maiores, Petrobras, Empresas, Capitalização da Petrobras, Estatais brasileiras, Petróleo, gás e combustíveis, Empresas brasileiras, Empresas estatais, Empresas abertas, Indústria do petróleo, Química e petroquímica, Setores, Rio Grande do Sul